

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fora do reino accresce o porte do correio avulso 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**
Rua de S. Christim, 18 a 28 — PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal 60 rs. cada linha
Anuncios e comunicados 50 »
Repetições 25 »
Anuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A MAIORIA E A MINORIA

(trechos de Max Nordau)

II

«Não precisamos de grande agudeza d'espírito, nem de dom especial d'observação para notar, que uma assembleia numerosa é irremediavelmente mediocre.

Reunam-se quatro centos genios, as suas decisões pouco divergem. Porquê? Porque qualquer d'elles, alem da sua originalidade tambem possui o que recebeu por herança da especie, e que lhe é commum não só com os seus collegas na assembleia mas com todos quantos passam na rua».

(Nós não nos compreendemos bem, disia eu sem ser Nordau—o nosso modo de sentir varia, apenas nos parecemos em certas qualidades, que todos estimam e respeitam, por exemplo na honradez, mas já nos motivos intimos, nos sentimentos de que essa virtude deriva) como podemos ser diversos!—E' muito difficil, que os outros nos conheçam profundamente até ao intimo do noso ser—é difficil a nós mesmos uma verdadeira manifestação do que sentimos—cercam-nos as apprehensões até na familia.—A's vezes um estranho, que n'ella entrou, e que succede ser um monstro d'estupidez e d'orgulho, nos alhia a sua estima sem remedio: o philistino de casa é terrivel—).

«O philistino reina em tda a parte, e o original o mais eloso da sua autonomia está brigado a dansar segundo a muica, que lhe tocam—o genio mais independente desaparece na grande turba.

Mas por isto deve o homem superior renunciar a fazer valer as suas ideias diferentes de ido o que se pensava, ao esforço de realisar-as, de converter o philistino?

De certo que não Não o eve nem pode.

«Todo o que vê melhor, o se indigna das falsas opiniões correntes quer impôr-se ao grande numero, e leva-o a opinar como elle. Mas ao homem de talento cumpre não apresentar as suas ideias como orders, e esperar que o exercito philistino se ordene em fileira a seu lado, mas voluntariamente.

A turba insurge-se contra as innovações, contra as ideias novas, não porque as odeie, nas porque se incommoda em lidar as que tinha como fixas: isto demanda um esforço, e o esforço é sempre doloroso.

Este facto parece contraictico por outro—que as massas são avidas da novidade—contradição, que não é senão apparente.

(Aqui dá Nordau uma explicação physiologica que suprimo).

Para que amudança seja agradavel, não deve ser brusca nem violenta, nem differir do que a precede, senão um pouco; o novo deve ficar viinho do antigo.

O leitor hade ter notado, que eu só fallei de velhas e novas ideias, e não de meliores ou peiores, de mais altas, ou mais baixas; na luz silenciosa ou ruidosa da minoria original contra a pluralidade tipica as concepções novas não necessitam de ser melho-

res que as tradicionaes para se dar o facto que affirmamos.

A turba não é estúpida como se diz, só occupa mentalmente o logar, que os melhores deixaram.

A excepção quer ser regra—a originalidade quer ser typo—as naturezas superiores serão reproduzidas nos homens ordinarios.

(Aqui não concordo com o auctor).

(Continua).

Max Nordau.

O nosso jornal

Entra o «Jornal d'Ovar» no seu 3.º anno: tem sido doutrinario e bem doutrinario como prometeu—e parece-nos ser o unico d'esta côr, ou antes que não tem nenhuma côr politica; a franqueza e a independencia palpitam nos seus artigos—Assim se convencionou entre aquelles, que o dirigem—e assim se cumpriu—Se alguns factos salientes foram reprovados, é porque interessavam a todos os partidos, e todos os condemnavam.

«Estimamos, que esta nossa attitudie continue a agradar aos nossos conterraneos e a todos os assignantes, e sobretudo o nosso desejo de esclarecer as questões que mais importam ao nosso paiz, do que nos parece ter dado sobejas provas—Sem offender a modestia não nos julgamos inuteis.

A. C. e P.

LITTERATURA

As Miragens Seculares

III

A analyse dos livros do sr. Braga, nem só aos leitores d'este jornal que o destino.

Dos artigos, que sahiram, e tencio republicar em volume, estou enviando alguns a escriptores nossos dos mais distinctos, a quem aliaz não pretendo convencer, pois já conhecem ha muito os meritos do supremo representante da mentalidade portugueza.

A longa tarefa do sr. Theophilo obtem de muitos uns grandes encomios, em frases de um exagero ridiculo, porque, sendo ou inculcando-se positivistas, o tomam por chefe com razão ou sem ella—outros, porque não querem enfiar-se com exames, apenas a nomeiam attendendo a ter sido laboriosa—aquelles, para evitarem o sestro de deprimir de que nunca se cohibiu nem com Alexandre Herculano, d'onde lhe resultou uma acre censura do sr. Antonio de Serpa, se a principio o avaliaram sem indulgencia, depois deixaram-lhe correr a voga adquirida por uma compilação a todo transe—e o sabio critico do seu lado julgou bom aviso o louval-os, mas ainda assim com reservas para a ninguem reconhecer a superioridade, do que temos um exemplo nas *Ideias Modernas* acerca de Camillo Castello Branco.

Em Paris é o sr. Xavier de Carvalho, que no empenho, muito de agradecer, em exaltar o seu

paiz, promove festas e homenagens ao sr. Theophilo, ao maior pensador do mundo latino, qualificação sem duvida injustificavel. festas e homenagens a que Mr. Max Nordau, convidado a presidil-as, assiste por comprazer, mas de que afinal se hão de rir elle mesmo e o mundo latino.

Só quero rebater os exageros. Fabricar e reunir volumes sob o titulo de *Historia da Litteratura Portugueza*, não é um serviço tal como s'encarece—não se creia uma investigação comparavel á da historia politica e social d'Alexandre Herculano.

O sr. Theophilo nem investigou, compilo. Enquanto ás produções da idade-media, suas origens, especies, differenças, classificação, acha-se averiguado tudo o que o nosso *Titan Litterario* repete nos seus livros—e facil era o cotejo, quando corrigiu o romanceiro de Garrett; e tambem pôde vêr nos escriptos ineditos de Gomes Monteiro o que havia para discutir e aclarar acerca da nossa litteratura n'aquella epocha, escriptos que o erudito portuguez lhe confiou, segundo me informam e se presume da dedicatória do poema grego—a *Bachante*—onde tão grato se lhe confessou, não obstando esta gratidão a mal-sinal-o de cumplice na tentativa de assassinio dos lentes miguelistas em 1828. (Foi por isso que já aqui os mencionamos).

Nem só o sr. Braga se occupou de historia e da critica litteraria respectivas ao nosso paiz—temos por exemplo:

—O sr. Visconde de Castilho escreveu—*Antonio Ferreira e o seu Tempo*—3 volumes, (visconde filho).

—José Maria da Costa e Silva sete volumes sobre os principaes poetas portuguezes.

—Rebello da Silva um longo estudo sobre Bocage—o sr. Theophilo nada diz que o exceda—ou que seja novidade.

—Gomes d'Amorim, tres volumes sobre Garrett.

—O sr. Antonio de Serpa—*Alexandre Herculano e o seu Tempo*—onde vem uma apreciação succinta mas perfeita do nosso grande historiar e romancista e que refuta completamente ao sr. Theophilo as suas criticas, frivolas, e odiosas.

Esse livro para o sr. Theophilo é um livro magro—assim devia de ser.

—O sr. Ramalho Ortigão sobre—*Camões e a Renascença*, escusaria tudo quanto escreveu sobre o grande epico o mesmo Titan.

—Sobre *Estabelecimentos Litterarios e Scientificos* temos a historia de Silvestre Ribeiro—em 18 volumes.

—Sobre a *Historia da Instrução* um volume de D. Antonio da Costa, onde são bem descriptas e apreciadas, a influencia dos Jesuitas sobre a Universidade, e sobre todo o ensino, e as reformas do marquez de Pombal.

—E criticos tambem os temos a quem o sr. Theophilo não supriu, porque realmente não se encontra uma critica sua, original, nos seus livros.

Se o sr. Theophilo não escrevesse a historia da Litteratura Portugueza, não haveria verdadeiramente uma lacuna, que devesse causar-nos um graade desgosto.

Não é um sabio, nem um mestre—para merecer estes titulos faltam-lhe as altas faculdades, que profunda uma sciencia, renovam as suas theorias e methodos, etc.

Não bastam para assim o qualificarem as leves referencias que faz aos principios mais elementares—*Figuier* em França não o tomam por sabio, é apenas um vulgarizador—(note-se).

Não posso considerar como philosopho, quem se contradiz theoreticamente, como tenho posto em relevo.

A sua verdadeira sciencia é compilar—o dictionario traz esse termo já prevendo o sr. T. Braga.

Não é um sabio, porque se o fosse, comprehendera logo, como comprehendem, todos a quem me dirijo explicando o *Firmamento*, que esta poesia versa sobre ideias scientificas, de cuja concepção não era capaz um Soares de Passos visto que se oppunham ás ensinadas nas Academias, e porque era extranho a todas as sciencias etc.

Não é um critico litterario, porque acerca do mesmo Passos, e das poesias que plagiou, não sabe distinguir, como o faria o

mais somenos apreciador, as que não lhe pertencem das que são propriamente as suas.

Já li, que a *Visão dos Tempos* é superior á *Lenda dos Seculos* de Victor Hugo, anda isso nos catalogos dos livreiros resta saber em quê—de certo em ser desastrada na execução chegando ás vezes a ser grotesca, como logo ao principio nos versos á *Maior dor Humana* aqui reproduzidos.

Nos *Grotescos* Theophilo Gauthier diz-nos, quem hoje acreditaria, que *Chapelain* passou largos annos pelo maior poeta, não só da França, mas do mundo inteiro?

Não é preciso, que tanto tempo se passe para não se crer, que o Sr. Theophilo tenha sido gratificado com o titulo do *maior pensador do mundo latino*.

Como poeta já o *Jornal de Noticias* veio com o desconto—é um poeta em quem nada se sente.

E' tal o desconto, que o annulla.

Se o Sr. Theophilo não fosse um chimerico até na sua vaidade, engeitara essas qualificações empoladas, monstruosas, que não lhe são applicaveis.

Não admiro as suas glorias

A REDEMPCÃO

I

Continuação

E grosseiras nuvens vão desaparecendo,
O sol rutila em fremito ideal;
A noite chega; estrellas se vão vendo,
No magestoso espaço sideral.

Na amplidão celeste a lua caminhava,
Banhando a terra de mortal e branda luz;
O sol apparece; ella, envergonhada,
Sumiu-se como Lucifer ao vêr a cruz.

A' voz do senhor se foram povoando
Os profundos abysmos das aguas do mar;
No espaço as aves iam chilrando
E nos bosques ameros se ouviam cantar.

A acção Divina d'obrar não cessava, (*)
Fazendo de argilla o animal vivente;
Que sciencia o senhor manifestava,
Animando o barro! tornando-o eloquentel

Especies, raças d'organismos vivos
Cobriram a terra, que verdejava emfim;
Já havia picos, serras, montes altivos,
Fructos, paisagens: a terra era um jardim.

(Continúa).

João da Silva Ferreira

(*) No principio da criação, a acção Divina começou a obrar e ainda não cessou de manifestar a sua acção. (S. João-Cap. 17 v. 5). Em qualquer momento que seja retirada a acção Divina do conjuncto universal, a vida deixará de existir.

E porque? Vejamos: A materia tem leis que não conhece, que não comprehende, apezar do que, é, em virtude d'estas mesmas leis que se dão todos os phenomenos do universo.

Estas leis representam o poder d'acção Divina, pela qual tudo se move e vivifica.

Se eu disser a uma pequena pedra: move-te e caminha por este caminho além, vae dar uma volta e vem aqui outra vez, e assim continuarás n'este giro até eu suspender a minha ordem. A pedra como não me comprehende, não se move, e permanece no seu estado de repouso; se eu, porem, empregar a minha acção ella gira para onde eu quizer.

Eis uma pallida imagem das leis impostas á materia. Ouso, portanto, avançar, ainda que hypotheticamente, que, em qualquer momento que o Todo-Poderoso retir de obrar pela sua acção, os movimentos dos actos ficariam suspensos, ou se patentaria uma desordem absoluta em todo o conjuncto cosmico, deixando de existir a vida universal.

para invejal-as; oppondo embar-
gos á suspeita de que as invejo,
expuz o que d'ellas ajuizam al-
guns dos nossos escriptores,
quando não costume abonar-me
com a autoridade—que para mim
são apenas as analyses rigorosas,
os bons argumentos.

Pelo que me respeita, a calu-
mnia do Sr. Theophilo, que bem
tarde soube, e não esperava em
vista das nossas conversas em
1871, feriu-me profundamente—
A' cerca do Firmamento e da sug-
estão psychologica, visionise, que
suppõe o grande Passos a compor
essa poesia em meu logar, pare-
ceu-me que a sua mente, influida
pelo que lê com pouco senso, mui-
tas vezes não está senhora de si—
e emquanto ao Noivado cita o
N.º 4.º dos Bardos, como se tives-
se diante dos olhos esse N.º pu-
blicado e distribuido em 1852
o que era falso.

O que tinha diante de si era a
Edição de 1854.

Contesto-lhe tão louca affirma-
tiva, responde-me algaraviando
um quadro bibliografico, em que
pretende mostrar que essa Edi-
ção de 1854 é autentica, mas do
qual nada se conclue, pois podia
ser e foi alterada ao menos em
algum as folhas na typografia,
d'onde sahio—provei-lh'o pelo tes-
temunho do Sr. José Lopes da
Silva, velho livreiro hoje estabele-
cido na rua Chã do Porto n.º 103
consultado sobre isso pelo Sr.
Antonio Dias Simões, d'Ovar, que
não lhe revelou o motivo da con-
sulta, d'esta sorte completamente
insuspeito—invoco a confirmação
d'este nosso conterraneo, de cuja
fé ninguém duvida.

A nada attendeu o Sr. Braga
e d'animo repousado, com teimo-
sia, já com acinte, vae repetir no
Seculo, que falsamente imputei
a Soares de Passos o abuso de
confiança commettido para com-
migo.

Conheci, que a sua intenção
era abafar a minha voz, e a es-
colha do jornal de maior publi-
cidade denunciava-a. Queria desa-
creditar-me em todo o paiz. Então
resolvi convencer-o de que não
m'impunha a sua auctoridade, e
dar a todos as justas razões de
não reconhecê-la.

Estava tambem n'isso a minha
defeza, a ninguém importam taes
questões; mas é preciso accudir
à opinião que se forma contra nós
—senão triumphá a calumnia
quer inepta, quer maliciosa.

(Continúa.)

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

DEVOÇÃO E MALVADEZ

O Condestavel Anna de Montmorency

Numerosos exemplos testemu-
nam que a fé e a devoção se po-
dem unir a um espirito imoral e
perverso como Luiz onze de França,
Felipe segundo de Hespanha
e muitos outros. Aquelle de que
vamos narrar alguns incidentes
da sua vida é singular pela fri-
za com que repassando nos dedos
o seu rosario se interrompia para
ordenar promptas execuções por
mero capricho e prazer.

Montmorency foi creado no pa-
ço com Francisco primeiro; per-
tencia a uma familia nobre que
ainda subsiste, seguiu a profissão
das armas e em varias batalhas
deu provas de muita coragem. A
historia não lhe esconde os actos
de malvadez.

Segundo o Abade Longuerne,
Montmorency era um verdadeiro
cacique, e capitão de selvagens,
duro, barbaro, cruel, gostando de
maltratar toda a gente, ignorante
ao ponto de ter difficuldade em as-
signar o seu nome, de todos odi-
ado. Na Historia de Bordes por
Vienne menciona-se o facto se-
guinte: Um imposto sobre o sal
causára tumultos n'esta cidade.
Montmorency é enviado com tropas
para restabelecer; a ordem os habi-
tantes vão ao seu encontro, tape-
pam as ruas por onde elle passa

e mostram uma submissão com a
qual devia contentar-se. O condes-
tavel insensível quer tratar esta ci-
dade como fosse tomada de assalto
—manda apontar as peças á bocca
das ruas, dezimar os habitantes, e
condemna á morte todos os magis-
trados. Um d'elles, Setonal, tinha
uma esposa bella e nova que se
lança aos pés do condestavel im-
plorando o perdão do seu marido;
o patife concedo-lho com uma con-
dição vergonhosa a que a infeliza
senhora se viu obrigada a submet-
ter-se. Depois de ter feito o sacrifi-
cio da sua honra elle no dia se-
guinte a conduz a uma janella
e mostra-lhe o marido pendente
d uma forca erguida na praça.

Este facto nos apresenta Mont-
morency debochado, perdido, cruel
sem respeito aos deveres que mais
obrigam, um verdadeiro monstro.

Dizia-se que era preciso ter
cautela com os padre-nossos do
condestavel, conta Brandôme, por
que emquanto os ia murmurando
dava estas ordens, «enforquem-me
este; prendam aquelle a uma ar-
vore; passem aquelle outro pelas
lanças, todos n'esta hora, ou fuzi-
lai-os deante de mim»; esquite-
jai todos estes maraus que se le-
vantaram contra o rei; lançai o
fogo n'um quarto de legua em re-
dondo.»

Eis aqui o homem que os es-
criptores cobardes, elogiam, a
quem a côrte de França encheu
de honras e a quem fez exequias
como as reaes, ás quaes os mem-
bros de todos os tribunaes assis-
tiram.

Este homem cheio de zelo pela
relegião, observava minuciosamente
até as mais insignificantes
actos do culto e esquecia os pre-
ceitos mais sagrados.

(Dictionario Historico Univer-
sal, edição de 1810).

N'UM ALBUM.

Quando o Senhor envia
O trovador ao mundo,
Faz devorar a essa alma
Fel amargoso e immundo;

Porque lhe diz:—Poeta,
Vai conhecer a terra;
Prova dos seus deleites;
Prova do mal que encerra.

Desses e deste esgota
As taças muitas vezes,
Embora de uma e d'outra
Aches no fundo fêzes:

E quando bem souberes
Que tudo é sonho vão;
Que é nada a dor e o goso,
Sólta o teu hymno então.»

E o pobre desterrado
Vem seu mister cumprir.
Nasce: homens e universo,
Tudo lhe vê sorrir;

E o seu balbuciar
Um canto é d'innocencia:
Mas outro foi seu fado;
Guia-o a providencia.

E' cherubim precito
Qu' inda entrevê o céu,
Mas através da vida,
Mas através de um véu.

Em turbilhão d' affectos,
Seu intimo viver
Rapido lhe devora
Sperança, amor e crer.

As sanctas harmonias
De cantico innocente
Sabe-as o alvor do dia
Quando rompe do oriente;

Murmura-as o regato;
Vibra-as o rouxinol;
Vem no zumbir do insecto,
No prado, ao pôr do sol;

Vivem no puro affecto
Da filial piedade,
Nos sonhos e esperanças
Da juvenil idade.

Esta poesia é tua;
Eu já a ouvi e amei;
Mas hoje nem a entendo,
Nem repeti-la sei.

Assim, meu nome só
Escreverei aqui;
Som vão, inintelligível
Apenas para ti;

Extincto candelabro
Do templo do Senhor,
Que por algumas horas
Deu luz, teve calor;

Lenda de sepultura,
Que fala em gloria e vida,
E esconde ossada infecta
Dos vermes corroida;

Pinheiro solitario,
Que o raio fulminou,
E que gemeu tombando,
E não mais murmurou.

Alexandre Herculano.

NOTICIARIO

TEMPO

Peorou, novamente, o estado do
tempo, tendo cahido, em alguns
dias da semana passada, uma chu-
va meúda.

O tempo arrefeceu, tambem,
um pouco, sendo provavel haver
chuva mais abundante no quarto
minguante da lua.

PESCA

Continuou o trabalho de pesca,
em alguns dias da semana finda,
sendo o seu producto de pouca
importancia.

Hygiene e therapeutica

A hygiene trata de evitar o
mal.
A therapeutica de curar o mal
depois de elle se manifestar.

Regra geral é sempre relativa-
mente mais facil evitar o mal, do
que o combater depois de manifes-
tado e tanto mais quanto maior
fôr o desenvolvimento da doença.

O enxofre é um producto re-
lativamente barato, ao alcance de
todas as bolsças, que constitue não
só um agente therapeutico de pri-
meira ordem, mas egualmente um
meio preventivo de reconhecida
efficacia.

O enxofre é um desinfectante
energico, que applicado devida-
mente a tempo e horas, pôde evi-
tar a propagação de muitas epi-
demias e evitar a perda de muitas
vidas, tanto de animaes como de
vegetaes.

Se o emprego do enxofre em
Portugal é já grande, não é por
assim dizer nada, do que podia e
devia ser, se houvesse verdadeira
consciencia dos desastres que se
poderiam evitar com a sua muito
maior generalisação.

Tanto na pecuaria como na
agricultura propriamente dita, é
indispensavel no seu proprio inte-
resse, que o lavrador portuguez
se compenetre da verdadeira im-
portancia do enxofre e dos gran-
des desastres que pôde evitar, com
uma despesa preventiva relativa-
mente insignificante.

Se o enxofre pôde evitar o
oidium das vinhas, a perda com-
pleta ou parcial das novidades ou
a sua desvalorisação, pôde egual-
mente o enxofre evitar o desen-
volvimento das epioozotias e a
morte de milhares de cabeças de
gado, pela unica falta da conveni-
ente desinfectação das arribanas,
dos apriscos, das malhadas, etc.
etc.

A desinfectação pelo gaz sulfu-
roso que se obtem pela combustão
do enxofre, é um meio segu-
ro e economico, de com pequena
despesa evitar sérios prejuizos.

Preferir sempre os enxofres de
pureza garantida não inferior a
98 % e regeitar os que se vendam
embora por preço mais baixo sem
essa garantia ou com baixas per-
centagens.

ANNOS

Fez annos, no dia 4 do corren-
te, a ex.^{ma} snr.^a D. Henriqueta de
Castro, filha do sr. Conselheiro
José Luciano de Castro, nobre e
prestigioso chefe do partido pro-
gressista.

As nossas sinceras e cordeaes
felicitações.

Uma entrevista interessante

Uma entrevista com um mon-
stro anti-diluviano:

O caricaturista Henriot, na Il-
lustração franceza, conta-nos,
com a habitual charge, a seguinte
historia:

«Tive a rara fortuna d'entre-
vistar por alguns momentos o es-
queleto do diplococus (monstro
anti-diluviano) que Carnegie offe-
receu ao Museu da Historia Natu-
ral de Paris.

—De que doença morreste?—
perguntei-lhe.

—De tédio—respondeu-me elle.
E morri de tédio, porque fiquei só
no mundo, sendo o unico da mi-
nha raça.

De tédio e tambem d'amor...
Ainda muito novo, já media vin-
te e seis metros de comprimento
da cabeça á cauda, e trinta me-
tros da cauda á cabeça, porque se
vae subindo... Era o mais moço
d'uma numerosa familia, e vivia-
mos felizes n'uma epoca em que
se não conhecia nem o homem,
nem o automovel... Quando jogá-
vamos as escondidas na floresta,
roçavamos o corpo pelas arvores,
demolindo-as e sentando-nos so-
bre ellas...

Quando eu era pequeno—era
muito grande e cresci, mais até á
idade de quatrocentos e sessenta e
sete annos. Foi vegetariano, e a
herva verde e virgem tinha um
sabor delicado...

Mas o mundo transformou-se.
Ninguém o reconheceu d'ahi em
deante, no mappa. As aguas trans-
mudaram-se em terra e a terra
em agua! Os senhores lamenta-
ram-se hoje das irregularidades
metereologicas. Bom Deus! Que
diriam, se vissem no meu tem-
po!

—E nem um idyllo sequer?

—Sim—murmurou o esqueleto
estremecendo. Tive uma paixão
séria por uma grande serpente do
mar, que me contava historias fa-
bulosas!... Ao cabo de cincoenta
a sessenta annos de «firt», vimos
que não eramos feitos um pare o
outro!

Um dia a serpente desappare-
ceu nas ondas, eu adoeci d'uma
nrurasthenia e dois ou tres secu-
los depsis, rendi a alma ao Crea-
dor.

MUCHAS GRATIAS

Muito penhorados com a res-
posta que «por obsequio e sem pre-
tenções a lição», nos deu o nosso
prezado collega a «Patria».

Diz que, «onde esta villa tem
sido uma verdadeira terra de ora-
tes, é nas administrações publi-
cas.»

Perfeitamente d'accordo!...
Tem sido; portanto, não é!...
Muchas gratias!...

Melhoramento

A Camara Municipal, d'este
concelho, representou ao Governo
sobre a reparação do caes do car-
regal.

Bem procede, attendendo ás
fracas condições em que aquelle
caes se encontra.

GRANDE FESTIVIDADE

O pittoresco logar de S. Donato,
d'esta freguezia, vae mimosear-
nos com a sua tradicional e des-
lumbrante festa á Immaculada N.

Senhora da Ajuda, nos dias 6, 7 e
8 do mez de Junho, festa que, este
anno, vae tomar um brilho e ca-
racter desusados os d'annos ante-
riores.

Nella tomarão parte as duas
phylarmonicas da nossa terra, que
tocarão no local, já na vespera á
tarde sendo precedidas de uma
engrãdo charanga, que percor-
rerá, já na ante-vespera, todo o
logar.

Haverá, na vespera, profuza e
deslumbrante illuminação no ar-
raial frontaria da linda capella.
Trez tabeis pyrothechnicos forne-
cerão brilhante e variegado fôgo
d'artilcio, prezo e do ar, entre o
qual se queimarão muito de Vianna.
Haveá, no domingo de tarde, o
terço ladainha a Nossa Senhora,
e, no fim sermão. Na segunda-
feira, haverá missa solemne a
grand instrumental, sermão, ao
Evangelho, pelo Rev.^{mo} P.^o Borges,
que mais uma vez firmará os cré-
ditos e que goza, e grande pro-
cissã na forma do costume.

Fialmente, o laborioso e
crent pôvo, de S. Donato, con-
vidá-nos a ir, n'esses dias, descan-
çar prazivelmente debaixo das
carvãeiras que circundam o seu
vistos arraial.

Illstres e sympathicos romei-
ros, no vos esqueçaes das me-
rendas para vós, e da esmola
para ossa Senhora da Ajuda!...

P.º Vinga

Aca-se, já, restabelecido da
doença de que foi accommettido,
o nosso particular amigo o sr. P.^o
Francisco Pedrozo Lopes Vinga,
com (que deveras folgamos.

A Frasquita

Os senhores recordam-se da
Frasquita? D'aquella ladina rapa-
riga que a companhia dramatica
Caetan Pinto trazia por estrellã?
A endmoninhada Frasquita, que,
durant trez mezes fez as delicias
da finãflôr da rapaziada vareira,
com a suas gaitices, no palco
do nosso theatro?

Pois essa Frasquita, que tam-
bem vya pelo nome de Carmen
d'Olivra, foi raptada por um es-
tudante do 3.º anno juridico, e lá
partiuem companhia do seu ado-
ravel França para terras de...
Frank.

Iai a todo o vapor. com receio
de econtrarem vento desfavo-
vel, diante a viagem, e para evi-
tarem algum naufragio.

O estudante França, que não é
de França, acaba de dar uma
grane lição aos rapazes varei-
ros.

Aesperta Frasquita, que fugiu
aos raços do alcaide no moleiro
d'Alilá, atirou-se, d'alma e cora-
ção, os braços da academia coim-
bricêse, representada pelo estu-
dant França.

Ande parará a Frasquita?
N Cairo? Em Malta? Naza-
reth? No Egypto?
No sabemos.

Bieu as azas, e voou.
Fh do epilogo: a companhia
sem strelã, a familia, afflicta,
chamndo pela policia, e a Fras-
quita de braço-dado com o acadé-
mico, a caminho do pagode...
chine.

O remedio infalivel para evi- tar combater o oidium da Vinha é o ENXOFRE.

O tempo corre de feição para o
desenvolvimento dos fungos, que
encontram um meio adequado e
favoravel para a sua propagação,
nas alternativas de calor e humi-
dade.

E' effectivamente accção com-
binada do calor e da humidade
que mais favorece o desenvolvi-
mento dos vegetaes rudmentares,
que verdadeiros parasitas de ou-
tros vegetaes de maior prte, tan-
tos e tão consideraveisprejuizos
fazem na agricultura.

Entre outros fungos, é o de-
senvolvimento do Oidium Tuckeri

da vinha, que mais se deve re- cear.

E como o remedio está conhe- cido e tem a sancção da pratica, é indispensavel não estar com hesitações e applical'o devidamente a tempo e horas, para evitar maio- res calamidades.

Os tratamentos preventivos são sempre mais efficazes e mais economicos, do que os curativos.

E' mais facil e fica mais barato evitar uma invasão ou o desen- volvimento d'ella quando está em principio, do que ter de a comba- ter depois de muito generalisada e de ter tomado grande incremen- to.

O enxofre é o remedio radical para evitar as invasões do oídium e para as combater depois de se terem declarado.

Fica mais barato empregar en- xofre e evitar o apparecimento do oídium, do que ter de empregar muito maiores quantidades depois do mal se manifestar e muito mais ainda depois da invasão se assenhorear das vinhas e ameaçar por completo a destruição das novidades.

Annos como este que está cor- rendo é que são para reaar.

O oídium desenvolve-se sobre- tudo quanto as temperaturas mé- dias varias entre 25.º e 30.º

A efficacia d'acção do enxofre não excede a mais de 20 a 25 dias.

Tratamentos preventivos são indispensaveis pelo menos trez: 1.º quando os sarmentos tem cerca de 15 centimetros; 2.º durante a floração e 3.º na occasião de as varas atemparem.

Evitar a applicação nas horas de maior calor e de tempo muito quente.

Quantidades a applicar por mil- heiro de cepas: 1.º tratamento-3 k.º; 2.º- 10 k.º e 3.º- 15 k.º.

Nos outros tratamentos, maio- res ou menores quantidades con- forme as circumstancias.

Para a applicação recommen- dam-se as torpilhas de Vermorel.

MAGALHÃES LIMA

Consta ao Liberal que o dr. Magalhães Lima vae estabelecer residencia em Paris, passando a Vanguarda a ser propriedade do snr. dr. Antonio José d'Almeida.

A PATRIA

«A Patria», sahindo para fóra do campo onde, no seu primeiro numero, promettera transitar, classifica-nos, muito diplomaticamente, de burro, sem se lembrar de que é nosso collegal . . .

Não quer ajudar-nos a empil- har, de novo, o saibro que se en- contra na rua de Sant'Anna, e, para se esquivar aprestar-nos o seu auxilio, allega que não se referia a nós, mas sim fallava na generalidade.

O remendo é mal votado, por- que o collegal, fallando na genera- lidade, tambem vinha referir-se a nós; mas como não quer dar-nos a honra da sua ajuda, desculpa- se, consoante pôde, e tem razão, porque o trabalho foi feito, apenas para os negros.

E, relativamente, á carapuça, justifica-o ficarem-nos as orelhas de fóra, a simples razão de ella não nos servir.

Veja o collegal bem, que talvez tenha por casa aiguem, a quem a dita carapuça possa servir.

MAJOR ROÇADAS

Desmente-se a noticia de ser nomeado governador de Macau o major Alves Roçadas.

LICENSEADO

No dia 9 do corrente, fez o seu acto grande de licenseado, na fa- culdade de philosophia o sr. dr. Egas Ferreira Pinto Basto, tenen- te de engenharia, obtendo a eleva-

da classificação de muito bom, com dezenove valores.

O sr. Dr. Egas é filho do nos- se prezado collega do «Progresso d'Aveiro», dr. Gustavo Ferreira Pinto.

Crime audacioso

Na noute de 11 para 12 do cor- rente mez, furtaram á senhora Anna Paes da Silva, costureira, de S. Miguel d'esta villa, seis sacos de feijão, sendo dois sacos de feijão vermelho, e 4 sacos de feijão branco.

Os auctores do crime entraram por uma janella da casa onde es- tava o feijão, arrombando uma grade de arame, que tapava a dita janella, servindo-se para isso d'um pinheiro, por onde treparam pois a janella fica á altura apro- ximadamente de 8 metros a par- tir do solo, do lado da viella.

Uma vez dentro da casa, pegaram nas sacas e passaram-n as para a eira fazendo-as descer por uma porta que abre directamente para esta; d'ahi seguiram com ellas para o quintal, e passaram- n'as por cima do muro para a viella.

Na manhã do dia 12, a senho- ra Anna Paes da Silva, sentindo- se roubada, e vendo grande quan- tidade de feijão na eira e em fren- te á referida porta, que fica a 2 1/2 metros d'altura a partir da eira, e vendo tambem que havia feijão espalhado em seguimento para o quintal, foi seguindo a rasteira do feijão cabido, e perto do muro no- tando que o terreno estava trilhado e pés de couves e favas partidas.

Approximou-se do muro, olhou para a viella, e viu do lado de fó- ra um monte de feijão vermelho, que mediu 40 litros.

Do monte d'este feijão seguia uma linha de feijão para o lado das terras proximas; e então a senhora Anna Paes e seu irmão, seguindo sempre a rasteira do feijão foram até á porta do quintal de Manuel Godinho d'Oliveira, sol- teiro, taberneiro, do Largo de S. Miguel, havendo, do lado de fora d'essa porta, que dá saída para um pinhal, mais quantidade de feijão do que nos outros pontos da rasteira.

Por esta circumstancia e tam- bem porque o Godinho gosava de má nota, bem como a sua aman- te Margarida Pereira Dias, que é casada e que pela sua conducta vergonhosa não vive em compa- nhia do marido,—começaram de recahir fundadas suspeitas sobre elles.

A senhora Anna Pais foi parti- cipar o caso á administração do concelho, deixando todavia, pes- soa de confiança, de vigia á casa do Godinho, para evitar que este retirasse pelo lado do pinhal o ob- jecto do crime.

Feita a queixa na administra- ção, procedeu-se, in continenti á busca em casa do Godinho, encon- trando-se então o seguinte: dois saccos de feijão vermelho escondi- da n'uma sa'gadeira; 1 sacco de feijão branco debaixo duma pilha d'agulhas; 1 pipo ou barril debai- xo do balcão da taberna cheio de feijão branco; e, na lareira da co- sinha, 1 panella grande cheia de feijão vermelho, que mediu 30 li- tros.

Dentro de casa, deitado n'uma cama, foi encontrado um gabirú, que foi preso, por suspeito, pela razão de o furto mostrar que ha- via sido praticado por mais que um individuo, e tambem porque as portas da casa se achavam fechadas, quando a auctoridade administrativa lá chegou, pois o dito taberneiro Godinho e sua amazia Margarida foram presos antes da busca.

Procedendo-se ao respectivo auto de investigação, apurou-se que além dos taberneiros Godinho e a amazia Margarida, tinha to- mado parte o tal gabirú que disse na administração chamar-se Manuel Maria da Cruz—o Carreiro, solteiro, trabalhador na fabrica de ceramica de que é proprietario a firma Peixoto, Ribeiro & C.ª, d'esta villa.

E, como no decurso da inves-

tigação se apurasse que tambem estava culpado José Luiz o «Es- pera.ça» solteiro, de Pintim, fre- guezia de Vallega, trabalhador n'aquella mesma fabrica, foi or- denada a sua captura. Os argui- dos Esperança e Carreiro, já têm cadastro negro.

O administrador do concelho tem sido incansavel, continuando com as investigações.

E' de, presumir que se effe- ctuem mais prisões.

Excursão

A inscripção para a excursão a Coimbra, no dia 18 do proximo mez de Junho, acha-se aberta nas seguintes casas:

Ovar—Praça Joaquim Ferreira da Silva, Succ. João da Silva Alminha João José Alves Cerqueira Antonio da Conceição João José Tavares Silva Cerveira

Ovar—R. da Graça Francisco Peixoto Pinto Ferreira Antonio Dias Martins R. do Bajuco Manoel Gomes Ravazio

Ponte Nova Viuva Balreira Cimo de Villa

Abilio José da Silva Ribeira José Fidalgo

R. do Outeiro Manoel Joaquim Rodrigues B. Za- gallo

Vallega Nicolau Braga Pharmacia Fructuoso

Avanca Pharmacia Camello

Manoel Borges da Silva Estarreja José de Mattos, Successores.

EDITAL

Abel Augusto de Souza e Pinho, Secretario da Camara Municipal do concelho de Ovar, faz publico, que, tendo organizado em harmonia com a Lei as relações do recenseamento eleitoral, foram essas relações affixadas nas egre- jas das respectivas freguezias e expostas a exame e reclamação na Secretaria da Camara Munic- pal desde 11 de Maio até 3 de ju- nho, das 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, e distribuidas a todos os Parochos e Regedores do Concelho; e serão distribuidas a todas os pessoas que as recla- marem.

E para que chegue ao conheci- mento de todos e se não possa al- legar ignorancia se fez este e outros de igual theor, que serão affixados nos logares publicos do costume.

Ovar, 9 de Maio de 1908

O Secretario da Camara Municipal

Abel Augusto de Souza e Pinho

LIÇÕES

Lecciona-se francez e habilita- se para exame de instrucção pri- maria 1.º e 2.º grau, tanto em casa das alumnas como na Rua de S. Bartholomeu n. 37.

Acceitam encomendas de flo- res artificiaes, e dá-se lições das mesmas.

EDITOS DE 30 DIAS

1.ª Publicação

Pelo Juiz de Direito da Cama- ra de Ovar e cartorio do escrivão —Lopes—correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação do respectivo annuncio no Diario do Governo, citando o interessado José Coelho da Silva, ausente em parte incerta dos Es- tados unidos do Brazil, para as- sistir a todos os termos, até final, do inventario orphanologia por ob- ito de sua sógra Joanna Fernandes de Jesus, moradora que foi no lo- gar do Outeiro, freguezia de Ma- cêda, d'esta Comarca, e sem pre- juizo do seu andamento.

Ovar, 12 de Maio de 1908.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Ignacio Monteiro

Escrivão substituto

Amadeu Soares Lopes

ANTIGA OURIVESARIA

DE

Placido d'Oliveira Ramos

José Placido d'Oliveira Ramos previne o publico, em geral, de que tem á venda, no seu estabeleci- mento, um sortido completo de objectos de prata, com estojo, pro- prios para brindes.

Horario dos comboy's do Porto a Espinho, Aveiro e vice-versa

Table with columns for stations (Aveiro, Cacia, Canellas, Estarreja, Avanca, Vallega, Ovar, Carvalheira, Cortegaça, Esmoriz, Paramos, Sisto, Pedreira, Espinho, Graça, Aguda, Mira, Francellos, Valladares, Magdalena, Coimbra, Gaya, General Torres, Campanhã, s. Bento) and rows for different train services (Tramway, Suppl., Correo, Directo, etc.) with corresponding departure and arrival times.

Table with columns for stations (s. Bento, Campanhã, G. Torres, Gaya, Coimbra, Magdalena, Valladares, Francellos, Mira, Aguda, Graça, Espinho, Pedreira, Sisto, Paramos, Esmoriz, Cortegaça, Carvalheira, Ovar, Vallega, Avanca, Estarreja, Canellas, Cacia, Aveiro) and rows for different train services (Tramway, Rapido, Expresso, Supplément, etc.) with corresponding departure and arrival times.

(a) Desde 15 de maio a 4 de novembro (b) Desde 5 de novembro a 14 de maio.

ADEGA DO LUZIO

Se tu fosses uma dama,
De se lhe CHAMAR UM FIGO,
Das que gozam bella fama,
Tu serias, meu amigo,
Companheira cá da cama!...

Eu calcava muita lama;
Perderia muitos dias;
Mas, se fosses uma dama,
Tu, por fim, sempre serias,
Companheira cá da cama!...

E, depois, com que azafama,
Nós então nos beijariamos,
Sendo tu linda madama!...
—Nem eu sei o que fariamos,
Ambos juntos cá da cama!...

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

PORTO.

NUMERO TELEPHONICO. 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos



O GABÃO ELEGANTE

— DE —

AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho mais conveniente e elegante contra o Frio, Vento e Chuva e o mais commodo para viagem. E se quereis o verdadeiro só o encontrareis na **ALFAIATERIA DA MODA**

de ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48

— OVAR —

Alfaiate natural da cidade de Aveiro, veio estabelecer-se em Ovar para poder fazer os Verdadeiros, antigos e elegantes GABÕES ou VARINOS AVEIRENSES mais baratos 2\$000 reis qual-quer outra casa AVEIRENSE.

E' elle o proprio, artista no genero, quem com toda a perfeição e esmero molha e corta todas as fazendas e não entrega a alfaiates desconhecidos ao seu estabelecimento, como fazem todos os mercadores que trazem annuciado o GABÃO AVEIRENSE.

Lembro a V. Ex.ª que não se illudam com esses reclamista, sem consciencia do que annunciam, porque alguns até mandam fazer esses gabões a costureiras para os expor á venda no seu estabelecimento.

Eu responsabilizo-me pelo seu bom acabamento, para o que tenho pessoal competente-mente habitado, mas se por qualquer motivo o freguez não ficar satisfeito, torna-o a receber sem innemnisção alguma. Todo o gabão elva a marca da casa para evitar enganar.

Tambem os faz a prestações s manaes de 500 reis.

Toma a responsabilidade por toda e qualquer obra sahida e execu-tada no seu estabelecimento tanto para homem como para creança. Forne-cem-se amostras de burel e todas as fazendas proprias para os mesmos GABÕES.

Preços varios em tamanhos e qualidades.

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encar-regando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modici-dade de preços, toda a encommen-ãa de qualquer obra concernente d sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encom-mendas, o proprietario virá tam-bem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente

LA VILLE DE PARIS
EXPOSITION UNIVERSELLE 1889

Fabrica de corôas

e flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro em todas as exposições a que tem concorrido

COROAS FUNEBRES

RAMOS para altar.

Grande sortido de plantas para adorno. Flôr de laranja, e todos os apresetos para flores.

TELEGRAMMAS:
VILLE-PORTO

DEPOSITOS NA PROVINCIA

COIMBRA — Manoel Carvalho
Largo do P. D. Carlos.

FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte
Praça de Camões.

SANTAREM — Fonseca & Souza.

BRAGA — Pinheiro & C.ª